

Bombardeio israelense deixou pelo menos 13 mortos e 48 feridos; porta-voz da Unrwa relata crianças com ferimentos graves como traumatismo craniano e perda da visão; Programa Mundial de Alimentos informa que o acesso humanitário continua “severamente restrito” dificultando a luta contra a fome no enclave.

Uma escola da ONU transformada em abrigo em Gaza foi atingida por um bombardeio israelense na noite deste domingo, deixando pelo menos 13 mortos e 48 feridos.

O projétil atingiu o andar superior do prédio, onde diversas pessoas estavam morando. De acordo com as vítimas, não houve aviso prévio sobre o ataque.

Ferimentos graves em crianças

A porta-voz da Agência da ONU de Assistência aos Refugiados Palestinos, Unrwa, visitou algumas das vítimas no Hospital Nasser nesta segunda-feira.

Louise Wateridge relatou que muitas crianças e adolescentes foram feridos. Ela citou uma menina de 17, chamada Mona, com ferimentos muito graves na perna causados por estilhaços. A jovem perdeu a mãe, que foi esmagada pelos escombros.

A representante da Unrwa disse que outra vítima, Julia, de dois anos, sofreu um traumatismo craniano grave e perdeu a visão de um olho. O irmão dela, de cinco anos, também sofreu um ferimento grave na cabeça.

Wateridge explicou que todos eles eram originários da Cidade de Gaza e foram forçados a se deslocar com suas famílias “sete ou oito vezes” até chegarem na escola, em Khan Younis, onde estavam há sete meses.

Acesso humanitário restrito

Segundo dados das autoridades de saúde de Gaza, mais de 45 mil pessoas morreram no enclave nos últimos 14 meses.

Abrigo da ONU sofre ataque mortal em Gaza

O Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef, afirmou que mais de 14,5 mil menores foram supostamente mortos. Acredita-se que outros milhares estejam enterrados sob os escombros.

A diretora-executiva da agência, Catherine Russel, ressaltou que a fome “continua a pairar no norte” e o acesso humanitário segue “severamente restrito”.

Ela adicionou que “praticamente todas as 1,1 milhão de crianças em Gaza precisam urgentemente de proteção e apoio à saúde mental”.